Of. 021/2017-CMDLGBT

Florianópolis, 10 de março de 2017.

Assunto: Carta de pesar e repudio pela morte de Jennifer Celia Henrique.

É com muito pesar e indignação que escrevemos esta nota pela perda ocasionada por um crime bárbaro, da transexual Jennifer Celia Henrique que foi encontrada morta na manhã deste dia 10 de março, dois dias após o dia internacional da mulher, no bairro dos Ingleses, aqui em Floripa com “lesões” na cabeça. Segundo a própria Polícia Civil, amigas e amigos, Jenni, assassinada por preconceito.

O assassinato nos causa muita comoção, principalmente por sabermos que Jenni, era uma pessoa alegre, sorridente e que sempre via o lado bom da vida. Lembramo-nos dela nos sorrindo e dizendo que tudo daria certo. Infelizmente por um ato de covardia, de preconceito, de injustiça e de ignorância hoje já não temos sua alegria, sua força, seu carinho, sua amizade enfim, já não temos sua coragem. É triste saber que ser diferente pode ofender uma pessoa a ponto de matar por isso.

Sendo assim, o Conselho Municipal de Direitos de Lésbicas, Bissexuais, Gays, Travestis e Transexuais de Florianópolis/SC, juntamente com todas as organizações da sociedade civil que dele fazem parte, vem a público repudiar o brutal assassinato dessa pessoa maravilhosa que era Jenni e cobrar da PM e Policia Civil do Estado que cumpra seu papel e leve os responsáveis à justiça.

Importante salientar que Jennifer já havia feito B.O. por ter sofrido violência e por ter sido ameaçada e que esse não é um caso isolado, pois outros assassinatos por ódio acontecem nessa cidade e em seu entorno, a Grande Fpolis, (gay-2014/São José, 2016/Fpolis, travesti-2015/Fpolis, 2016/São José). Aliado a isto salientamos a falta de policiamento, a falta de vontade e falta viaturas fizeram.

Lembramos que no carnaval tivemos três B.O. por violência homofobica e lesbofóbica, sendo que uma delas tem o agravante da violência policial,

Importante falar que estes também não foram casos isolados, pois tivemos denuncias de agressões LGBTFóbicas em 2012, 2013, 2014, 2015 e, só neste ano, já acumulamos mais de uma dúzia de agressões em várias partes da capital, em lugares como o centro, a Barra da Lagoa, a Lagoa, a Mole, a Galheta, Armação, em Santo Antônio, dentre outros, lembramos também que essas violências são, muitas vezes defendidas por policiais militares e civis que ou se recusam a atender os casos ou dizem que as violências foram merecidas.

Lembramos ainda da falta de preparo e trato nos atendimentos das denuncias de homofobia e transfobia nas delegacias da capital.

Só para não parecer que isso só acontece aqui também lembramos que o Brasil é o país que mais mata gays, lésbicas, travestis e transexuais em todo o mundo. Em 2016, mais de 343 pessoas foram assassinadas, dados colhidos das reportagens dos jornais brasileiros, e do site, “quem a LGBTfobia matou hoje”.

Lembramos que não temos estatísticas oficiais sobre o assunto, por não termos campanhas de denuncias, nem da utilização dos campos nos boletins de ocorrências que evidenciem os assassinatos e violências ocasionadas por homobilesbofobia e por travestitransfobia. Esclarecemos que desde 2012 já consta, no boletim de ocorrência, campos para homofobia, identidade e orientação e que no final do ano passado, seguindo parecer da OAB e da Dra. Jimena, o boletim foi aperfeiçoado tendo sido incluído campo para nome social, lesbofobia, transfobia, gênero e outras informações.

Evidenciamos que esses 343 assassinatos de pessoas LGBT no ano são apenas a ponta de um iceberg, pois a quantidade de denuncias ainda é infinitamente inferior as ocorrências, também colocamos que muitos assassinatos de pessoas transexuais e mulheres travestis são noticiadas como homens vestidos de mulher ou mulheres vestidas de homem, além disto, os assassinatos de lesbicas são invisibilidades, na maioria das vezes pela própria família ou como passionais, quanto aos gays esses são mortos pela sua “imaturidade” ou por “mexer com a pessoa errada”.

Por conta disto, cobramos a obrigatoriedade dos termos homofobia e transfobia nos boletins de ocorrências além dos campos de nome social e orientação sexual, detalhes que pra uns parece pifeis, mas que pra quem sofre as violências pode significar ser levada a serio.

Pedimos também que, nos cursos da policias militares e civis, as disciplinas de direitos humanos e transversais (combate as violências de gênero, identidade de gênero e orientação sexual) sejam curriculares e obrigatórias.

Por todas as considerações acima e, para que o assassinato da Jenni não caia no esquecimento e nem em arquivos de casos não resolvidos o Conselho Municipal de Direitos de Lésbicas, Bissexuais, Gays, Travestis e Transexuais de Florianópolis/SC vem a público cobrar dos órgãos responsáveis a resolução e punição deste assassinato o mais breve possível, assim como todos os demais casos de violências lgbtfobicas deste município e do estado de Santa Catarina,

Para que a Morte de Jennifer não seja apenas mais uma, conclamamos toda a população LGBT, amigues, familiares e simpatizantes para um grande ato neste final de semana nos Ingleses.

Florianópolis, 10 de março de 2017.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Maria Guilhermina da Cunha Salasário Ayres

Presidenta do Conselho Municipal de Direitos e Contra a Discriminação de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais de Florianópolis – CMD/LGBT de Florianópolis/SC.